

Consumo e desigualdade social em Almada nos inícios do século XIX

Tânia Casimiro

CFE-HTC | FCSH-UNL

Beatriz Reis

Arqueóloga

Resumo

O consumo de objectos no dia-a-dia das populações é fundamental na compreensão das suas actividades quotidianas. No entanto, a análise da cultura material associada a ambientes domésticos permite concluir sobre a base económica e social dos seus consumidores. Através do estudo de dois contextos arqueológicos datados sensivelmente entre 1780 e 1830, localizados nos Paços do Concelho e na Rua Latino Coelho, em Almada, separados por apenas 100 metros, foi possível o estudo de dois contextos completamente distintos caracterizando duas camadas distintas da população almadense naquela época. Desde as produções modestas, de origem local a importações oriundas de locais tão distintos como o Oriente, França ou Inglaterra é possível observar dois grupos sociais distintos partilhando o mesmo espaço urbano.

Palavras-chave: consumo; cerâmica; desigualdade

Abstract

The consumption of artefacts in the daily lives of human populations is fundamental when trying to comprehend their daily activities. However, much more can be said and the material culture associated with domestic environments allows to debate about its consumers' social and economic base. The study of two archaeological contexts roughly dated 1780-1830 located in Paços do Concelho and Rua Latino Coelho, both in Almada, separated by no more than 100 metres, permitted the study of two very different contexts connected to two very distinct populational groups. Based on local or regional productions together with imports from Spain, Britain, or China it is possible to debate how two different groups shared the urban space.

Key-words: consumption; ceramics; inequality

Introdução

Exceptuando os contextos industriais, sobretudo aqueles relacionados directamente com a produção, tais como fábricas em ambiente urbano, ou armazéns e lagares, em ambiente rural, o estudo dos contextos arqueológicos de cariz doméstico, associados a cronologias mais recentes, sobretudo pós-terramoto 1755, só recentemente começaram a ser valorizados e estudados. Este fenómeno ainda não é generalizado e na verdade os estudos correspondem apenas a contextos identificados em Lisboa (Leão et al., 2020; Reis et al., 2020; Casimiro et al., no prelo), Almada (Capote et al., 2020; Reis, 2021), Santarém (Boavida et al., 2013) Grândola (Casimiro et al., 2020), Setúbal (Graça, 2022) e nos Açores (Rodrigues et al., 2020; Araújo e Oliveira, 2020). Por vezes estes estudos não recaem sobre um sítio em particular, mas sobre a importância do consumo de determinados objectos ou tipos de objectos (Sequeira e Casimiro, 2015; Casimiro et al. 2021). A maior parte dos contextos arqueológicos correspondem a contextos domésticos e as publicações debatem assuntos tais como consumo, domesticidade ou trocas comerciais.

A investigação sobre estes contextos permite, quando analisamos os objectos encontrados numa perspectiva de quantidade, qualidade, variedade e origem, sugerir qual a dinâmica económica do contexto. Ainda que o mais fácil seja mesmo avaliar se é abastado ou pobre, existe uma grande variedade e possibilidades de interpretação da capacidade económica de um sítio. A análise económica não nos permite muito mais quando analisamos um contexto isolado, mas quando diversos contextos que apelidamos de domésticos, ou seja, formados através dos despejos de diversas ou uma casa são comparados, conseguimos notar e debater as semelhanças e divergências, abordando assuntos tais como desigualdade económica e consequentemente social. O estudo da desigualdade social com base no consumo de objectos ou na forma como as pessoas lidavam com a cultura material não é uma novidade nos estudos arqueológicos e até mesmo já realizado para outros contextos em Portugal, com cronologias mais recuadas (Walker et al., 2011; Casimiro et al., 2019; Santos et al., 2023; Santos et al. 2023a).

Esta possibilidade surgiu em Almada através da análise de dois contextos arqueológicos. Um deles foi escavado em 1983 e quase 40 anos depois tornou-se a tese de mestrado de uma das autoras. O outro foi descoberto e escavado em 2017 e está a ser estudado pela outra autora. O objectivo é compreender de que forma através da análise da cultura material podemos inferir sobre as diferenças sociais e económicas das pessoas que frequentaram aqueles espaços. Esta avaliação é feita tanto através da quantidade do que podemos considerar objectos de destaque como através de observações sobre a qualidade dos recipientes recuperados.

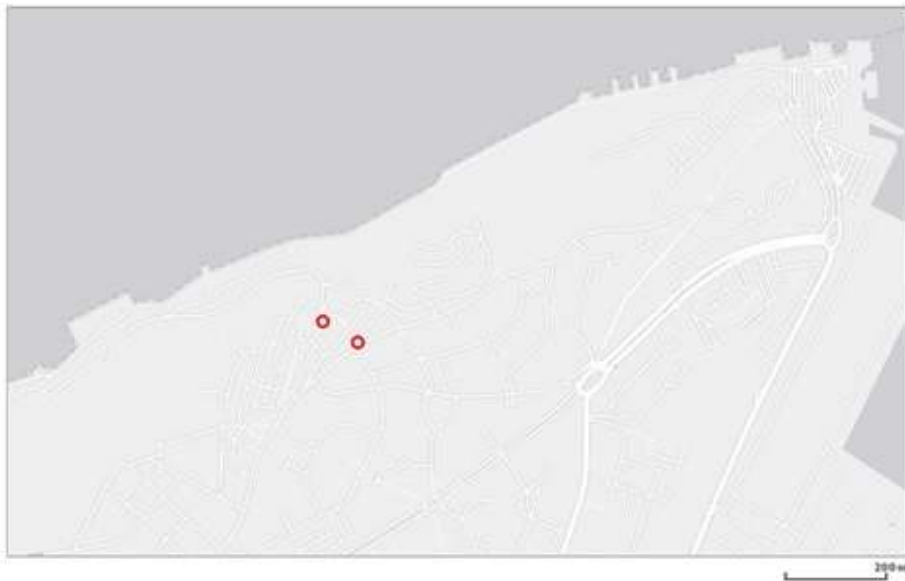


Fig. 1 – Mapa de Almada com a localização dos dois sítios

Os contextos arqueológicos

O edifício dos Paços do Concelho surge na documentação referido como edificação do Poder Local, no interior do qual existiu uma prisão e um tribunal. Localiza-se na actual Praça Luís de Camões, antiga Praça Velha, enquadrado assim na malha urbana, na qual se eleva no topo de um quarteirão, entre dois arruamentos, um deles, a antiga Rua Direita e o outro a Travessa que vai para o Castelo. O edifício encontra-se adossado a construções de menor tamanho e à Igreja da Misericórdia. Estima-se que o edifício, na sua traça atual, seja resultado de uma reconstrução que ocorreu em finais do século XVIII. Existe uma inscrição no sino do relógio, oferta de D. Maria I, com a data de fundição, 1795, daí se deduzir que esta seja a data da sua re-inauguração. O Livro 2º Tombo da Vila de Almada contém um auto de medição das Casas Nobres da Câmara, produzido a 1 de Agosto de 1796, onde consta que o edifício servia de “*camara, aposentadoria dos Ministros, e Cadeya*”. (AMA, Tombo da Câmara Municipal, Livro 2º).

A intervenção arqueológica que foi levada a cabo nos Paços do Concelho, em 1983, resultou das obras de transformação/remodelação do mesmo, sendo realizadas duas sondagens no piso térreo, nas duas salas situadas na ala Sul, e que foram designadas de Sala 1 e Sala 2 (Barros, 1984). Na sala 1 foi identificado um silo colmatado com lixo algures no século XVII. Contudo, na outra sala havia uma antiga cisterna de água, que foi abandonada nos inícios do século XIX num período que foi estimado sensivelmente entre 1810 e 1830 (Reis, 2021). Do seu interior foram exumados centenas de objectos cerâmicos não apenas de produção local como importações europeias e orientais. O estudo monográfico desta colecção permitiu observar que muito embora tenham sido recuperadas algumas peças de elevada qualidade, a maior parte da colecção corresponde a um tipo de louça que a maior parte das pessoas podia consumir, revelando um contexto sócio-económico que poderemos considerar baixo.

Através da análise da documentação, foi possível determinar que a zona onde se encontra o edifício dos Paços do

Concelho era uma zona residencial que sofreu diversos estragos com o Terramoto. Neste sentido é plausível afirmar que a construção da cisterna seja anterior ao terramoto de 1755. Não existe qualquer referência à sua existência durante a extensa descrição do edifício datado de 1796. Esta ausência não significa que a mesma já não estivesse em uso no final do século XVIII, visto que a descrição é feita ao edifício em si, não se mencionando quaisquer outros equipamentos. Por outro lado, segundo a descrição, ela estaria numa das salas que à qual não é atribuída uma função, contígua à sala utilizada como cadeia dos homens.

É interessante debater se a presença do tribunal e prisão mencionados nos finais do século XVIII no interior do edifício, visto que poderá estar relacionada com as peças encontradas no interior da cisterna que poderiam ser provenientes deste espaço. Não será fácil chegar a essa conclusão, mas o exercício de atribuição poderá ser efetuado. Esta foi uma época conturbada no país e em Almada, sobretudo devido à sua proximidade com Lisboa. As invasões francesas, a presença inglesa e todas as consequentes alterações políticas tiveram certamente reflexo na vida desta população, criando níveis de instabilidade e ansiedade social. Poderia este tempo ter feito da cadeia um edifício ainda mais requisitado? Desconhecemos obviamente como seria a vida dentro de uma prisão deste tipo e quanto tempo ficaram os reclusos e reclusas dentro deste edifício.



Fig. 2 – Objectos recuperados nos Paços do Concelho (foto Beatriz Reis)

Em 2017, mais de 30 anos depois uma remodelação na Rua Latino Coelho levou a que os arqueólogos do Museu de Almada fizessem uma intervenção arqueológica no local. Uma das sondagens efectuada foi implantada num dos compartimentos no interior da casa. Naquele espaço foi identificada uma cisterna que tinha sido colmatada num único momento algures entre 1780 e 1820. Não se tratando de um edifício distinto na malha urbana da cidade não é assim tão fácil encontrar informações documentais sobre esta casa em particular. Sabemos que estava localizada na antiga Rua do Passa Rego, mas ainda que a identidade de alguns dos seus moradores e proprietários seja conhecida através do livro da Dizima, não surge qualquer indicação de quem poderia ser o proprietário ou ocupante daquela casa em particular.

A cultura material identificada no seu interior revelou uma realidade bem diferente da que tinha sido observada nos Paços do Concelho, a cerca de 100 metros de distância. Aqui foram recuperados dezenas de objectos em cerâmica e em vidro, a grande maioria correspondendo importações. Esta colecção tem três aspectos extraordinários que devem ser mencionados. 1) Em primeiro lugar o seu estado de conservação, mostrando que o abandono do espaço foi efectuando de forma abrupta e rápida, visto que a maioria dos objectos, apesar de partido, estava em perfeitas condições. 2) Segundo, a quantidade de objectos ali recuperados com dezenas de pratos, dezenas de vasos de noite e bacias, bules, garrafas de vidro e copos. Este número faz-nos acreditar que não estamos num contexto doméstico normal, mas sim num espaço destinado a receber grande quantidade de pessoas. Ainda que o número elevado de garrafas de vinho pudesse sugerir uma adega, a explicação mais lógica é que se tratasse de um espaço que servisse bebidas, atendendo ao elevado número de copos. A ideia que pudesse ser apenas uma cada de pasto não coincide com o elevado número de vasos de noite e bacias e mesmo uma bacia de barbeiro, recuperados na intervenção arqueológica. A probabilidade de se tornar uma estalagem onde diversas pessoas permaneciam durante a noite e podiam comer é, até ao momento, a interpretação mais plausível se tentarmos justificar a cultura material identificada. 3) Finalmente, a elevada qualidade dos objectos identificados. Maior parte dos recipientes corresponde a importações. Ainda que a origem britânica se destaque foram também identificadas peças produzidas em França, Itália e na China. As produções de Lisboa (as mais comuns que seriam consumidas naquela altura) correspondem a uma ínfima parte da louça disponível.

A Rua do Passa Rego não estava numa zona privilegiada da Vila, localizando-se numa artéria secundária, pelo que não nos parece que fosse uma pertença de uma personagem importante, muito menos com alguma relação nobiliárquica, visto que qualquer título está ausente dos nomes que conhecemos serem detentores das propriedades daquela rua. A utilização deste espaço como estalagem justificava então a presença de louça distinta, que um cliente pagaria para utilizar.



Fig. 3 – Objectos recuperados na Rua Latino Coelho (foto Tânia Casimiro)

As divergências no consumo

A análise dos dois sítios arqueológicos permite imediatamente inferir acerca da diferença destes dois sítios arqueológicos. Relativamente aos Paços do Concelho é tentador acreditar que os objectos descartados aquando do abandono da cisterna estavam de alguma forma relacionados com o consumo das pessoas que utilizavam a prisão. Os objectos em

maior quantidade correspondem a louça ordinária, sem qualquer tipo de característica distintiva, de baixo custo, que poderiam ser do consumo de quem ali estivesse preso. As poucas peças de destaque aqui identificadas, poderiam corresponder a objectos utilizados pelos magistrados que ali se deslocavam. São peças destinadas a serem usadas por camadas mais baixas da população, reclusos sem capacidade de exigir nada mais esteticamente agradável. Eram peças quase que exclusivamente funcionais.

Já relativamente à Rua Latino Coelho, a principal função deste estabelecimento seria atrair clientes, pelo que a utilização de louça e vidros de qualidade, mostra um tipo de consumo elevado, destinado a agradar, a marcar a diferença. Destacam-se as peças inglesas, conhecidas como *creamware*, *peralware* ou *black basalt ware*. A maior parte não apresenta nenhuma decoração, exceptuando recortes no bordo. Surgem algumas peças em *transferware*, numa época em que nenhuma fábrica em Portugal produzia este estilo de louça, que será produzido em larga escala, décadas depois, na fábrica de Sacavém. Ainda que a sua função fosse o consumo de alimentos, chá e café, a sua estética mostra que são peças que não se preocupam apenas com a funcionalidade, mas com a manutenção de um estilo de vida mais elevado.

Conclusão

As escolhas destes dois locais para discutir desigualdade social não foi aleatória. Por um lado, surge um espaço onde os seus participantes veem, maior parte das vezes, ainda que legalmente suportada, a sua liberdade negada. Ainda que não saibamos quem foram os homens e mulheres presos naquela cadeia, uma análise a alguns jornais de época mostra que o crime em Almada se relacionava em muito com criminosos que originavam das baixas camadas sociais, acusados de roubar galinhas e outros animais. A louça utilizada por eles era apelidada de louça ordinária, aquela que qualquer um podia comprar, vendida a um preço muito reduzido, produzida nas olarias locais ou nos fornos de Lisboa. Por outro lado, já relativamente à Rua Latino Coelho trata-se uma possível estalagem cujos clientes consumiam a melhor e mais requintada louça que se fazia no mundo. Oriunda sobretudo do Reino Unido e da China satisfazia o gosto por distinção dos clientes da casa, daqueles que podiam pagar uma refeição e/ou uma estadia, por uma ou mais noites.

Estes dois espaços mostram como algo tão frequente num contexto como a louça onde as pessoas comem e bebem reflecte muito mais que hábitos alimentares, mas também toda as expectativas sociais que são esperadas de grupos diferentes. Os reclusos teriam direito a uma refeição servida num prato cujo valor era particularmente baixo, enquanto a cerca de 100 metros de distância, outros comiam na louça britânica que pelos finais do século XVIII era considerada uma das mais desejadas. Este consumo diferenciado mostra como a desigualdade social era espelhada no consumo de objectos.

Referências

ARAÚJO, J.; OLIVEIRA, N. (2020) – Uma (pequena) janela, averta pela Arqueologia, sobre o quotidiano urbano micaelense de final de oitocentos (São Miguel, Açores), in: *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*, Oeiras: Mazu Press, pp. 91-122.

BARROS, L. (1984) – Trabalhos arqueológicos nos Paços do Concelho de Almada. *Al-Madan*, 1ª série, nº 3, pp. 25-27.

BOAVIDA, C., CASIMIRO, T.M., SILVA, T. (2013) - Intervenção Arqueológica na Rua Braamcamp Freire (Santarém) e Descoberta de Esgoto Oitocentista. *Al-Madan*, nº 172ªa serie, adenda electrónica, pp. 112-113.

CAPOTE, M.; SEQUEIRA, J.; BARROS, L.; CASIMIRO, T. M. (2020) – Uma lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz, em Almada e a importância da gestão dos lixos urbanos (1890-1910), in: *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*, Oeiras: Mazu Press, pp. 123-141.

CASIMIRO, T.M.; CASTRO, I.; SILVA, T. (2021) – Cerâmica estampada britânica em Portugal (1780-1920). Identidade, domesticidade e relações, *Ophiussa*, 5, pp. 207-217.

CASIMIRO, T.M.; DIAS, N.; REIS, J.; LEÓNIDAS, J. (no prelo) Quotidiano e identidade no Palácio dos Condes da Ribeira Grande (Junqueira), *Actas do III Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação*.

CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P.; FILIPE, V.; NEVES, D. (2019) – Pottery Use and Social Inequality in Mid-18th century Lisbon. An Initial Approach, in: Matejkova, K; Blazkova, G (eds.) *Europa Post-Medievalis*, Oxford: Archaeopress, pp. 1-18.

GRAÇA, A. (2022) O Quotidiano nos Séculos XIX e XX: a Casa Eloy na dinâmica habitacional de Setúbal, *Almadán*, 25, pp. 70-76

LEÃO, A. (2021) – *Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboaeta: a Rua do Vale entre o Final do Século XIX e o Início do Século XX*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

LEÃO, A., SOUSA, R., MARTINGIL, M., FILIPE, V. (2020) – Fancy a drink? As garrafas da Rua do Salitre e o consumo de água e gin em Lisboa no século XIX. In: *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*, Oeiras: Mazu Press, pp. 65-90.

REIS, A. (2021) – *Tradição e Inovação Tecnológica e Cultural nos inícios do século XIX. Análise do sítio arqueológico dos Paços do Concelho (Almada)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

REIS, A.; ROQUE, J.; HENRIQUES, J.; FILIPE, V.; CASIMIRO, T. M. (2020) – A voz dos esquecidos. Evidências materiais de pobreza na cidade de Lisboa nos inícios do século XX, in: *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*, Oeiras: Mazu Press, pp. 143-156.

RODRIGUES, C.; NETO, J.L.; PERES, M.; PARREIRA, P. (2020) – Um possível falanstério açoriano. O povoado da Achada, em Angra do Heroísmo in: *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*, Oeiras: Mazu Press, pp. 17-48.

SANTOS, J.; CASTRO, I.; CASIMIRO, T.M. (2023) – Wealth and social inequality in religious and secular contexts. A critical analysis on pottery consumption in Early Modern Portugal (16th-18th centuries), *European Journal of Archaeology*, pp. 1-19.

SANTOS, J.; CASIMIRO, T.M.; CASTRO, I. (2023a) How luxurious is your pot? A critical analysis of imported wares consumption in Portugal (16th-18th century) in Matějková, K.; Blazkova, G.; Silva, R.; Casimiro, T.M. (eds.) *Connections and networking. Europa Post-Mediaevalis*, Oxford: Archaeopress, pp. 59-68.

SEQUEIRA, J.; CASIMIRO, T.M. (2015) - Fragmentos de um mundo contemporâneo: objectos em grés recuperados no Tejo. *Cira Arqueologia*, 4, pp. 209-215.

WALKER, J., BEAUDRY, M.; WALL, D. (2011) – Poverty in Depth: a New Dialogue. *International Journal of Historical Archaeology*, 15, pp. 629–636.